

## *Auto da Alma* de Gil Vicente

### ARGUMENTO

Assi como foi cousa muito necessária haver nos caminhos estalagens, pera repouso e refeição dos cansados caminhanes, assi foi cousa conveniente que nesta caminhante vida houvesse uma estalajadeira, pera refeição e descanso das almas que vão caminhanes pera a eternal morada de Deus. Esta estalajadeira das almas é a Madre Santa Igreja, a mesa é o altar, os manjares as insígnias da Paixão. E desta perfiguração trata a obra seguinte.

Figuras: Alma, Anjo Custódio, Igreja, Santo Agostinho, Santo Ambrósio, S. Jerónimo, S. Tomás, Dous Diabos.

Este Auto presente foi feito à muito devota Rainha D. Leonor e representado ao mui poderoso e nobre Rei Dom Emanuel, seu irmão, por seu mandado, na cidade de Lisboa, nos Paços da Ribeira, em a noite de Endoenças. Era do Senhor de 1518.

*Está posta uma mesa com uma cadeira. Vem a Madre Santa Igreja com seus quatro doutores: S. Tomás, S. Jerónimo, Santo Ambrósio e Santo Agostinho. E diz Agostinho:*

AGOSTINHO – Necessário foi, amigos,  
que nesta triste carreira  
desta vida,  
pera os mui p'rigosos p'rigos  
dos imigos,  
houvesse alguma maneira  
de guarida.  
Porque a humana transitória  
natureza vai cansada  
em várias calmas;  
nesta carreira da glória  
meritória,  
foi necessário pousada  
pera as almas.

Pousada com mantimentos,  
mesa posta em clara luz,  
sempre esperando  
com dobrados mantimentos  
dos tormentos  
que o Filho de Deus, na Cruz,

comprou, penando.  
 Sua morte foi avença,  
 dando, por dar-nos paraíso,  
 a sua vida  
 apreçada, sem detença,  
 por sentença,  
 julgada a paga em proviso,  
 e recebida.

A Sua mortal empresa  
 foi santa estalajadeira  
 Igreja Madre:  
 consolar à sua despesa,  
 nesta mesa,  
 qualquer alma caminheira,  
 com o Padre  
 e o Anjo Custódio aio.  
 Alma que lhe é encomendada,  
 se enfraquece  
 e lhe vai tomando raio  
 de desmaio,  
 se chegando a esta pousada,  
 se guarece.

*Vem o Anjo Custódio, com a Alma, e diz:*

ANJO – Alma humana, formada  
 de nenhũa cousa feita,  
 mui preciosa,  
 de corrupção separada,  
 e esmaltada  
 naquela frágoa perfeita,  
 gloriosa!  
 Planta neste vale posta  
 pera dar celestes flores  
 olorosas,  
 e pera serdes tresposta  
 em a alta costa,  
 onde se criam primores  
 mais que rosas!

Planta sois e caminheira,  
 que ainda que estais, vos is  
 donde viestes.  
 Vossa pátria verdadeira  
 é ser herdei

da glória que conseguis:  
 andai prestes.  
 Alma bem-aventurada,  
 dos anjos tanto querida,  
 não durmais!  
 Um ponto não esteis parada,  
 que a jornada  
 muito em breve é fenecida,  
 se atentais.

ANJO – Anjo que sois minha guarda,  
 olhai por minha fraqueza  
 terreal!  
 de toda a parte haja resguarda,  
 que não arda  
 a minha preciosa riqueza  
 principal.  
 Cercai-me sempre ò redor  
 porque vou mui temerosa  
 de contenda.  
 Ó precioso defensor  
 meu favor!  
 Vossa espada lumiosa  
 me defenda!

Tende sempre mão em mim,  
 porque hei medo de empear,  
 e de cair  
 ANJO – Pera isso sam e a isso vim;  
 mas enfim,  
 cumpre-vos de me ajudar  
 a resistir  
 Não vos ocupem vaidades,  
 riquezas, nem seus debates.  
 Olhai por vós;  
 que pompas, honras, herdades  
 e vaidades,  
 são embates e combates  
 pera vós.

Vosso livre alvedrio,  
 isento, forro, poderoso  
 vos é dado  
 polo divinal poderio  
 e senhorio,  
 que possais fazer glorioso

vosso estado.  
 Deu-vos livre entendimento,  
 e vontade libertada  
 e a memória,  
 que tendeis em vosso tento  
 fundamento,  
 que sois por Ele criada  
 pera a glória.

E vendo Deus que o metal  
 em que vos pôs a estilar,  
 pera merecer,  
 que era muito fraco e mortal,  
 e, por tal,  
 me manda a vos ajudar  
 e defender.  
 Andemos a estrada nossa;  
 olhai: não torneis atrás,  
 que o inimigo  
 à vossa vida gloriosa  
 porá grossa,  
 Não creiais a Satanás,  
 vosso perigo!

Continuai ter o cuidado  
 no fim de vossa jornada,  
 e a memória,  
 que o espírito atalaiado  
 do pecado  
 caminha sem temer nada  
 pera a Glória.  
 E nos laços infernais,  
 e nas redes de tristura  
 tenebrosas  
 da carreira, que passais,  
 não caiais:  
 siga vossa fermosura  
 as gloriosas.

*Adianta-se o Anjo, e vem o Diabo a ela e diz:*

DIABO – Tão depressa, ó delicada,  
 alva pomba, pera onde isso?  
 Quem vos engana,  
 e vos leva tão cansada  
 por estrada,

que somente não sentis  
se sois humana?  
Não cureis de vos matar  
que ainda estais em idade  
de crescer  
Tempo há i pera folgar  
e caminhar  
Vivei à vossa vontade  
e havei prazer.

Gozai, gozai dos bens da terra,  
Procurai por senhorios  
e haveres.  
Quem da vida vos desterra  
à triste serra?  
Quem vos fala em desvarios  
por prazeres?  
Esta vida é descanso,  
doce e manso,  
não cureis doutro paraíso.  
Quem vos põe em vosso siso  
outro remanso?  
ANJO – Não me detenhais aqui,  
leixai-me ir que em al me fundo.

DIABO – Oh! Descansai neste mundo  
que todos fazem assi:  
Não são em balde os haveres.  
não são em balde os deleites,  
e fortunas;  
não são debalde os prazeres  
e comeres:  
tudo são puros afeites  
das criaturas:

Pera os homens se criaram.  
Dai folga à vossa passagem  
d'hoje a mais:  
descansai, pois descansaram  
os que passaram  
por esta mesma romagem  
que levais.  
O que a vontade quiser  
quanto o corpo desejar,  
tudo se faça.  
Zombai de quem vos quiser

reprender  
querendo-vos martearar  
tão de graça.

Tornara-me, se a vós fora.  
Is tão triste, atribulada,  
que é tormenta.  
Senhora, vós sois senhora  
emperadora,  
não deveis a ninguém nada.  
Sede isenta.  
ANJO – Oh! andai; quem vos detém?  
Como vindes pera a Glória  
devagar!  
Ó meu Deus! Ó sumo bem!  
Já ninguém  
não se preza da vitória  
em se salvar!

Já cansais, alma preciosa?  
Tão asinha desmaiáis?  
Sede esforçada!  
Oh! Como viríeis trigosa  
e desejosa,  
se vísseis quanto ganhais  
nesta jornada!  
Caminhemos, caminhemos.  
Esforçai ora, Alma santa,  
esclarecida!

*Adianta-se o Anjo, e torna Satanás:*

DIABO – Que vaidades e que extremos  
tão supremos!  
Pera que é essa pressa tanta?  
tende vida.

Is muito desautorizada,  
descalça, pobre, perdida,  
de remate:  
não levais de vosso nada.  
Amargurada,  
assi passais esta vida  
em disparate.  
Vesti ora este brial;  
metei o braço por aqui.

Ora esperai.  
 Oh! Como vem tão real!  
 Isto tal  
 me parece bem a mi:  
 ora andai.

Uns chapins haveis mister  
 de Valença: ei-los aqui.  
 Agora estais vós mulher  
 de parecer  
 Ponde os braços presumptuosos:  
 isso si!  
 Passeai-vos mui pomposa,  
 daqui pera ali, e de lá pera cá,  
 e fantasiai.  
 Agora estais vós fermosa  
 como a rosa;  
 tudo vos mui bem está.  
 Descansai.

*Torna o Anjo à Alma, dizendo:*

ANJO – Que andais aqui fazendo?  
 ANJO – Faço o que vejo fazer  
 polo mundo.  
 ANJO – Ó Alma, is-vos perdendo!  
 Correndo vos is meter  
 no profundo!  
 Quanto caminhais avante,  
 tanto vos tornais atrás  
 e através.  
 Tomastes, ante com ante  
 por mercante,  
 o cossairo Satanás,  
 porque quereis.

Oh! caminhai com cuidado,  
 que a Virgem gloriosa  
 vos espera.  
 Deixais vosso principado  
 deserdado!  
 Enjeitais a glória vossa  
 e pátria vera!  
 Deixai esses chapins ora,  
 e esses rabos tão sobejos,  
 que is carregada;

não vos tome a morte agora  
tão senhora,  
nem sejais, com tais desejos,  
sepultada.

Andai! dai-me cá essa mão!  
ANJO – Andai vós, que eu irei,  
quanto puder.

*Adianta-se o Anjo, e torna o Diabo:*

DIABO – Todas as cousas com razão  
têm sazão  
Senhora, eu vos direi  
meu parecer:  
Há i tempo de folgar  
e idade de crescer;  
e outra idade  
de mandar e triunfar  
e apanhar  
e adquirir prosperidade  
a que puder.

Ainda é cedo pera a morte;  
tempo há-de arrepender  
e ir ao Céu.  
Ponde-vos à for da corte;  
desta sorte  
viva vosso parecer  
que tal naceu.  
O ouro pera que é,  
e as pedras preciosas,  
e brocados?  
E as sedas pera quê?  
Tende por fé,  
que pera as almas mais ditosas  
foram dados.

Vedes aqui um colar d'ouro,  
mui bem esmaltado,  
e dez anéis.  
Agora estais vós pera casar  
e namorar  
Neste espelho vos tereis,  
e sabereis  
que não vos hei-de enganar.



E poreis estes pendentes,  
em cada orelha seu.  
Isso si!  
Que as pessoas diligentes  
são prudentes.  
Agora vos digo eu  
que vou contente daqui.

ANJO – Oh! Como estou preciosa,  
tão dina pera servir  
E santa pera adorar!  
ANJO – Ó Alma despiedosa  
perfiosa!  
Quem vos devesse fugir  
mais que guardar!  
Pondes terra sobre terra,  
que esses ouros terra são.  
Ó Senhor  
porque permites tal guerra,  
que desterra  
ao reino da confusão  
o teu lavor?

Não íeis mais despejada,  
e mais livre da primeira  
pera andar?  
Agora estais carregada  
e embaraçada  
com cousas que, à derradeira,  
hão-de ficar.  
Tudo isso se descarrega  
ao porto da sepultura.  
Alma santa, quem vos cega,  
vos carrega  
dessa vã desventura?

ANJO – Isto não me pesa nada,  
mas a fraca natureza  
me embaraça.  
Já não posso dar passada  
de cansada:  
tanta é minha fraqueza,  
e tão sem graça!  
Senhor, ide-vos embora,  
que remédio em mim não sento,  
já estou tal...

ANJO – Sequer dai dous passos ora,  
até onde mora  
a que tem o mantimento  
celestial.

Ireis ali repousar  
comereis alguns bocados  
confortosos;  
porque a hóspeda é sem par  
em agasalhar  
os que vêm atribulados  
e chorosos.

ANJO – É longe?

ANJO – Aqui mui perto,  
Esforçai, não desmaieis!  
E andemos,  
qu'ali há todo concerto  
mui certo:  
quantas cousas quereis  
tudo tendes.

A hóspeda tem graça tanta.  
far-vos-á tantos favores!

ANJO – Quem é ela?

ANJO – É a Madre Igreja Santa,  
e os seus santos Doutores.

I com ela.

Ireis d'i mui despejada,  
cheia do Spírito Santo,  
e mui fermosa.

Ó Alma, sede esforçada!

Outra passada,  
que não tendes de andar tanto  
a ser esposa.

DIABO – Esperai, onde vos isso?

Essa pressa tão sobeja  
é já pequice.

Como! Vós, que presumis,  
consentis

continuades a igreja,  
sem velhice?

Dai-vos, dai-vos a prazer  
que muitas horas há nos anos  
que lá vêm.

Na hora que a morte vier

como se quer  
se perdoam quantos danos  
a alma tem.

Olhai por vossa fazenda  
tendes umas escrituras  
de uns casais,  
de que perdeis grande renda.  
É contenda,  
que leixaram às escuras  
vossos pais;  
é demanda mui ligeira,  
litígios que são vencidos  
em um riso.  
Citai as partes terça-feira,  
de maneira  
como não fiquem perdidos,  
e havei siso.

ANJO – Cal'-te por amor de Deus!  
leixa-me, não me persigas!  
Bem abasta  
estorvares os heréus  
dos altos céus,  
que a vida em tuas brigas  
se me gasta.  
Leixa-me remediar  
o que tu, cruel, danaste  
sem vergonha,  
que não me posso abalar,  
nem chegar

ao lugar onde gaste  
esta peçonha.

*Chega a Alma diante da Igreja.*

ANJO – Vedes aqui a pousada  
verdadeira e mui segura  
a quem quer vida.

IGREJA – Oh! Como vindes cansada  
e carregada!

ANJO – Venho por minha ventura,  
amortecida,

IGREJA – Quem sois? Pera onde andais?

ANJO – Não sei pera onde vou;

sou selvagem,  
sou uma alma que pecou  
culpas mortais  
contra o Deus que me criou  
à Sua imagem.

Sou a triste, sem ventura,  
criada resplandecente  
e preciosa,  
angélica em fermosura,  
e per natura,  
como raio reluzente  
luminosa.  
E por minha triste sorte  
e diabólicas maldades  
violentas,  
estou mais morta que a morte  
sem deporte,  
carregada de vaidades  
peçonhentas.

Sou a triste, sem mezinha,  
pecadora obstinada,  
perfiosa;  
pola triste culpa minha,  
mui mesquinha,  
a todo o mal inclinada  
e deleitosa.  
Desterrei da minha mente  
os meus perfeitos arreios  
naturais;  
não me prezei de prudente,  
mas contente  
me gozei com os trajos feios  
mundanais.

Cada passo me perdi;  
em lugar de merecer,  
eu sou culpada.  
Havei piedade de mi,  
que não me vi;  
perdi meu inocente ser,  
e sou danada.  
E, por mais graveza, sento  
não poder me arrepender  
quanto queria;

que meu triste pensamento,  
sendo isento,  
não me quer obedecer,  
como soía.

Socorrei, hóspeda senhora,  
que a mão de Satanás  
me tocou,  
e sou já de mim tão fora,  
que agora  
não sei se avante, se atrás,  
nem como vou.  
Consolai minha fraqueza  
com sagrada iguaria,  
que pereço,  
por vossa santa nobreza,  
que é franqueza;  
porque o que eu merecia  
bem conheço.

Conheço-me por culpada,  
e digo diante vós  
minha culpa.  
Senhora, quero pousada,  
dai passada,  
pois que padeceu por nós  
quem nos desculpa.  
Mandai-me ora agasalhar  
capa dos desamparados,  
Igreja Madre.  
IGREJA – Vinde-vos aqui assentar  
mui devagar  
que os manjares são guisados  
por Deus Padre.

Santo Agostinho doutor,  
Jerónimo, Ambrósio, São  
Tomás,  
meus pilares,  
servi aqui por meu amor  
o qual melhor  
E tu, Alma, gostarás  
meus manjares.  
Ide à santa cozinha,  
tornemos esta alma em si,  
por que mereça

de chegar onde caminha,  
e se detinha.  
Pois que Deus a trouxe aqui,  
não pereça.

*Enquanto estas cousas passam, Satanás passeia, fazendo muitas vascas, e vem outro (Diabo) e diz:*

2º DIABO – Como andas dasassossegado!

1º DIABO – Arço em fogo de pesar

2º DIABO – Que houveste?

2º DIABO – Ando tão desatinado,  
de enganado,  
que não posso repousar  
que me preste.

Tinha uma alma enganada,  
já quase pera infernal,  
mui acesa.

2º DIABO – E quem t'a levou forçada?

1º DIABO – O da espada.

2º DIABO – Já m'ele fez outra tal  
burla como essa.

Tinha outra alma já vencida,  
em ponto de se enforcar  
de desesperada,  
a nós toda oferecida,  
e eu prestes pera a levar  
arrastada;  
e ele fê-la chorar tanto,  
que as lágrimas corriam  
pola terra.  
Blasfemei entonces tanto,  
que meus gritos retiniam  
pola serra.

Mas faço conta que perdi,  
outro dia ganharei,  
e ganharemos  
1º DIABO – Não digo eu, irmão, assi:  
mas a esta tornarei,  
e veremos.  
Torná-la-ei a afagar  
despois que ela sair fora  
da Igreja  
e começar de caminhar;

hei-de apalpar  
se vencerão ainda agora  
esta peleja.

*Entra a Alma, com o Anjo.*

ANJO – Vós não me desempareis,  
Senhor meu Anjo Custódio!  
Ó incréus  
inimigos, que me quereis,  
que já sou fora do ódio  
de meu Deus?  
Leixai-me já, tentadores,  
neste convite prezado  
do Senhor  
guisado aos pecadores  
com as dores  
de Cristo crucificado,  
redentor.

*Estas cousas, estando a Alma assentada à mesa, e o Anjo junto com ela, em pé, vêm os Doutores com quatro bacios de cozinha cobertos, cantando: «Vexilla regis prodeunt». E, postos na mesa, diz Santo Agostinho:*

AGOSTINHO – Vós, senhora convidada,  
nesta ceia soberana  
celestial,  
haveis mister ser apartada  
e transportada  
de toda a cousa mundana,  
terreal.  
Cerrai os olhos corporais,  
deitai ferros aos danados  
apetitos,  
caminheiros infernais;  
pois buscais  
os caminhos bem guiados  
dos contritos.

IGREJA – Benzei a mesa vós, senhor  
e, pera consolação  
da convidada,  
seja a oração de dor  
sobre o tenor  
da gloriosa Paixão  
consagrada.

E vós, Alma, rezareis,  
contemplando as vivas dores  
da Senhora;  
Vós outros respondereis,  
pois que fostes rogadores  
até agora.

*Oração pera Santo Agostinho.*

Alto Deus Maravilhoso,  
que o mundo visitaste  
em carne humana,  
neste vale temeroso  
e lacrimoso.  
Tua glória nos mostraste  
soberana.  
E Teu Filho delicado,  
mimoso da Divindade  
e Natureza,  
per todas partes chagado,  
e mui sangrado,  
pela nossa infirmitade  
e vil fraqueza!

Ó Emperador celeste,  
Deus alto, mui poderoso,  
essencial,  
que polo homem que fizeste,  
ofereceste  
o teu estado glorioso  
a ser mortal!  
E Tua Filha, Madre, Esposa,  
horta nobre, frol dos céus,  
Virgem Maria,  
mansa pomba gloriosa;  
oh quão chorosa  
quando o seu Deus padecia!

Ó lágrimas preciosas,  
do Virginal Coração  
estiladas,  
correntes das dores vossas,  
com os olhos da perfeição  
derramadas!  
Quem uma só pudera ver  
vira claramente nela



aquela dor,  
aquela pena e padecer  
com que choráveis, donzela,  
vosso amor!

E quando vós, amortecida,  
se lágrimas vos faltavam,  
não faltava  
a vosso filho e vossa vida  
chorar as que lhe ficaram  
de quando orava.  
Porque muito mais sentia  
polos seus padecimentos  
ver-vos tal;  
mais que quanto padecia,  
lhe doía,  
e dobrava seus tormentos,  
vosso mal.

Se se pudesse dizer  
se se pudesse rezar  
tanta dor;  
Se se pudesse fazer  
podermos ver  
qual estáveis ao cravar  
do Redentor!  
Ó fermosa face bela,  
ó resplendor divinal,  
que sentistes,  
quando a cruz se pôs à vela,  
e posto nela  
o filho celestial  
que paristes?

Vendo por cima da gente  
assomar vosso conforto  
tão chagado,  
cravado tão cruelmente,  
e vós presente,  
vendo-vos ser mãe do morto,  
e justicado!  
Ó Rainha delicada,  
santidade escurecida,  
quem não chora  
em ver morta e debruçada  
a avogada,

a força da nossa vida?

AMBRÓSIO – Isto chorou Hieremias  
sobre o monte de Sião,  
há já dias;  
porque sentiu que o Messias  
era nossa redenção.  
E chorava a sem-ventura,  
triste de Jerusalém  
homecida,  
matando, contra natura,  
seu Deus nascido em Belém  
nesta vida.

JERÓNIMO – Quem vira o Santo Cordeiro  
antre os lobos humilde,  
escarnecido,  
julgado pera o marteiro  
do madeiro,  
seu rosto alvo e fermoso  
mui cuspidos!

*(Agostinho benze a mesa.)*

AGOSTINHO – A bênção do Padre Eternal,  
e do Filho, que por nós  
sofreu tal dor,  
e do Espírito Santo, igual  
Deus imortal,  
convidada, benza a vós  
por seu amor  
IGREJA – Ora sus! Venha água às mãos.

AGOSTINHO – Vós haveis-vos de lavar  
em lágrimas da culpa vossa,  
e bem lavada.  
E haveis-vos de chegar  
a alimpar  
a uma toalha fermosa,  
bem lavrada  
co sirgo das veias puras  
da Virgem sem mágoa, nascido  
e apurado,  
torcido com amarguras  
às escuras,  
com grande dor guarnecido

e acabado.

Não que os olhos alimpeis,  
 que o não consentirão  
 os tristes laços;  
 que tais pontos achareis  
 da face e envés,  
 que se rompe o coração  
 em pedaços.  
 Vereis seu triste lavrado  
 natural,  
 com tormentos pespontado,  
 e figurado  
 Deus Criador em figura  
 de mortal.

*Esta toalha, em que aqui se fala, é o Verónica, a qual Santo Agostinho tira d'antre os bacios, e amostra à Alma; e a Madre Igreja, com os Doutores, lhe fazem adoração de joelhos, cantando: «Salve, Sancta Facies».*

*E, acabando, diz a Madre Igreja:*

IGREJA – Venha a primeira iguaria.

JERÓNIMO – Esta iguaria primeira  
 foi, Senhora,  
 guisada sem alegria  
 em triste dia,  
 a crueldade cozinheira  
 e matadora.  
 Gostá-la-eis com salsa e sal  
 de choros de muita dor;  
 porque os costados  
 do Messias divinal,  
 santo sem mal,  
 foram, polo vosso amor  
 açoutados.

*Esta iguaria em que aqui se fala são os Açoutes; e em este passo os tiram dos bacios, e os apresentam à Alma, e todos de joelhos adoram, cantando: «Ave, flagellum»; e depois diz:*

JERÓNIMO – Estoutro manjar segundo  
 é iguaria,  
 que haveis de mastigar  
 em contemplar  
 a dor que o Senhor do mundo

padecia,  
 pera vos remediar  
 Foi um tormento improviso,  
 que aos miolos lhe chegou:  
 e consentiu,  
 por remediar o siso,  
 que a vosso siso faltou;  
 e pera ganhades paraíso,  
 a soffriu.

*Esta iguaria segunda, de que aqui se fala, é a Coroa de Espinhos; e em este passo a tiram dos bacios e, de joelhos, os Santos Doutores cantam: «Ave, corona spinarum». E, acabando, diz a Madre Igreja:*

IGREJA – Venha outra do teor  
 JERÓNIMO – Est'outro manjar terceiro  
 foi guisado  
 em três lugares de dor  
 a qual maior  
 com a lenha do madeiro  
 mais prezado.  
 Come-se com gram tristura,  
 porque a Virgem gloriosa  
 o viu guisar:  
 viu cravar com gram crueza  
 a sua riqueza,  
 e sua perla preciosa  
 viu furar.

*E a este passo tira Santo Agostinho os Cravos, e todos de joelhos os adoram cantando: «Dulce lignum, dulcis clavus». E acabada a adoração diz o Anjo à Alma:*

Anjo Leixai ora esses arreios,  
 que est'outra não se come assi  
 como cuidais.  
 Pera as almas são mui feios,  
 e são meios  
 com que não andam em si  
 os mortais.

*Despe a Alma o vestido e jóias que lh'o imigo deu, e diz Agostinho:*

AGOSTINHO – Ó Alma bem aconselhada,  
 que dais o seu a cujo é:  
 o da terra à terra!  
 Agora ireis despejada

pola estrada,  
 porque vencestes com fé  
 forte guerra.

IGREJA – Venha ess'outra iguaria.  
 JERÓNIMO – A quarta iguaria é tal,  
 tão esmerada,  
 de tão infinda valia  
 e contia,  
 que na mente divinal  
 foi guisada,  
 por mistério preparada  
 no sacrário virginal.  
 mui coberta,  
 da divindade cercada  
 e consagrada,  
 depois ao Padre Eternal  
 dada em oferta.

*Apresenta S. Jerónimo à Alma um Crucifixo, que tira d'antre os pratos; e os Doutores o adoram, cantando «Domine Jesu Christe». E, acabando, diz:*

ANJO – Com que forças, com que espírito,  
 te darei, triste, louvores,  
 que sou nada,  
 vendo-Te, Deus Infinito,  
 tão aflito,  
 padecendo Tu as dores,  
 e eu culpada?  
 Como estás tão quebrantado,  
 Filho de Deos imortal!  
 Quem Te matou?  
 Senhor, per cujo mandado  
 és justicado,  
 sendo Deus universal,  
 que nos criou?

AGOSTINHO – A fruta deste jantar  
 que neste altar vos foi dado  
 com amor  
 iremos todos buscar  
 ao pomar  
 adonde está sepultado  
 o Redentor.

*E todos com a Alma, cantando «Te Deum laudamus»; foram adorar o moimento.*

LAUS DEO

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1997

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*